

Ensino do português, língua estrangeira

SOBRE A SINTAXE CONTRASTIVA DO SISTEMA VERBAL DO PORTUGUÊS E DO CANTONÊS

T. A. Cheng *

0. INTRODUÇÃO

0.1 Quem diz estrutura das línguas diz princípios de organização. Princípios que garantem o funcionamento da língua no plano fonológico, lexical e sintático. Um estudo contrastivo supõe, portanto, o estudo preliminar das estruturas imanentes das línguas que se pretendem comparar. O português (LP), por fazer parte das línguas com propriedades flexionais, encontra-se no campo contrário ao cantonês (LC) devido ao seu monossilabismo de língua isolante. Daqui resulta, para o primeiro, um paradigma impressionante de combinações de radicais e de afixos e um arsenal de relacionadores (i. e. preposições e conjunções); para o segundo, uma ordem de palavras muito rígida no enunciado e um paradigma não menos impressionante de perífrases verbais (PV). E aqui reside o cerne da diferença ao nível dos princípios de organização linguística do português e do cantonês.

0.2 Este breve estudo situa-se no plano morfo-sintático e toma como ponto de partida o sintagma verbal. Visto que o sintagma verbal não conhece outro emprego a não ser o de predicativo, tem a vantagem de ser identificado imediatamente pelo ouvinte-receptor que possui a língua. O sintagma verbal é, com efeito, o núcleo da frase à volta do qual se organizam as diferentes expansões e, por isso mesmo, as diversas dimensões da língua.

0.3 Observações:

a) A estrutura de base do sintagma verbal reescreve-se como:

SV → (Mod₁) + V + (Mod₂), em que Mod = modificador

b) Os elementos portugueses são traduzidos em cantonês pelo jogo das pseudo-traduições colocadas entre parênteses rectos, por exemplo:

LP → Como se chama o senhor?

LC → [o senhor] [se chama] [como]?
/sing-sang/ /seng/ /mat/?

* Doutorado em Linguística Geral pela Universidade de Paris VII. Professor do City Polytechnic de Hong Kong. Membro do Centro de Investigação em Linguística e em Linguística Aplicada. Cantão.

- c) As palavras em cantonês aparecem somente sob a forma fonética, colocada entre barras oblíquas, e de acordo com o *Guia Silábico Cantonês-Português*, publicado em Macau, em 1986, por exemplo:
/tak/

1. VERBO-NÚCLEO DO SINTAGMA VERBAL

1.1 VERBO-INFINITIVO

A noção de *infinito* pertence à LP, nas representações morfológicas do verbo, enquanto que para a LC, língua isolante, esta noção é completa-mente supérflua. Com efeito, quem diz verbo, diz radical do verbo em LC; donde

$$V = V_{\text{radical}}$$

1.2 VERBO CONJUGADO

Todo o sistema verbal de LP assenta na dicotomia verbo-infinitivo e verbo conjugado. O esquema de base apresenta-se como:

$V = (\text{Mor}_a) + \text{radical} + (\text{Mor}_b)$, em que $\text{Mor} = \text{morfema gramatical}$.

O conjunto dos Mor (a+b) é conhecido na LP pelo nome de *conjugação*. O Mor_a apresenta-se normalmente sob a forma de verbo auxiliar ($V_{\text{aux.}}$) para os tempos compostos, por exemplo:

[01] comprar → ter comprado
/mai/ → /mai-cho/

[02] entrar → ter entrado
/iap/ → /iap-cho/

O Mor_b apresenta-se sob a forma de afixos para os tempos simples. O paradigma da conjugação para os verbos portugueses compreende:

- Verbos regulares (terminações em -ar, -er, -ir);
- Verbos que mudam de forma, mudança que se opera quer a nível do radical (servir - sirvo/sirva), quer a nível da ortografia (brincar → brinquei);
- Verbos irregulares (dar → dou + dás + dá + damos + dão).

Os ($\text{Mor}_a + \text{Mor}_b$) têm como função exprimir:

Concordância = pessoa + número

Tempo = passado + presente + futuro

Aspecto = perfectivo/imperfectivo + acabado/não acabado + limitativo/não limitativo.

Modo = pessoal (indicativo + condicional + conjuntivo + imperativo) / impessoal

Por exemplo, em cantar → Maria canta
Maria cantou
Maria cantará

vemos que a classe dos verbos é caracterizada por diferenças morfológicas, em número limitado mas muito importantes. Com efeito, a forma *cantará* dá-nos, pelo menos, oito informações, a saber:

- a) Categoria verbal;
- b) Função verbal;
- c) Terceira pessoa;
- d) Número singular;
- e) Tempo futuro;
- f) Aspecto imperfectivo;
- g) Modo indicativo;
- h) O estabelecimento de uma ligação formal entre o sujeito e o predicado, permitindo identificar o sujeito sintáctico.

Assim, apercebemo-nos do carácter unidimensional de LP. O critério morfológico tem um papel primordial a desempenhar, não deixando nenhum lugar à ambiguidade. Ao contrário, um verbo cantônês não se identifica de imediato pelas marcas morfológicas: é uma forma invariável, sem qualquer tipo de conjugação. Esta invariabilidade formal confere ao verbo cantônês, na lógica das coisas, um carácter pluri-dimensional, no sentido de poder conter cada uma das oito informações que a conjugação portuguesa encerra. E serão os contextos linguístico e extra-linguístico do enunciado que facultarão essas informações.

Duma maneira geral, esta ambiguidade aparente não embaraça os utentes do cantônês. Eles têm a sua própria lógica. Retiram as informações contidas na cadeia falada, não a partir do desenrolar linear *sujeito--predicado*, mas do desenrolar *tempo-espaço*.

1.3 VERBO-PREDICADO

Convém examinar mais atentamente a noção de *perífrase verbal* (PV) que se encontra, é verdade, na fronteira das estruturas gramaticais e lexicais. Dá-se frequentemente este nome aos grupos constituídos pelo auxiliar (V_{aux}) no sentido lato do termo, e pelo verbo infinitivo, ao qual está ligado; donde

(PV + V_{inf}) predicado

Em matéria de PV, portanto, temos em LP:

- a) Os temporais para marcar o tempo: passado recente e futuro próximo;
- b) Os aspectuais para marcar o início, o desenrolar e o fim da acção expressa pelo verbo;
- c) Os modais para marcar a vontade, a obrigação, o dever, a sugestão, etc.

Tentando ver mais claramente as coisas, apercebemo-nos de que o paradigma de PV em LP apenas constitui um suporte em relação ao da conjugação. Um papel secundário, por assim dizer.

A complexidade das línguas não se situa, pois, no mesmo plano. A representação do verbo-predicado em LC constrói-se com uma PV anteposta (reescrita PVM) e outra, posposta (reescrita PVN). Temos pois:

(PVM + V_{radical} + PVN)_{predicado}

em que PVM é sobretudo um facto lexical e PVN, um facto gramatical. Este paradigma da PV apresenta um quadro bastante complexo, do qual apenas vou resumir em traços largos pontos que exigiriam desenvolvimento aprofundado. Contrastando com o sistema verbal de LP, os PV em cantonês têm uma função tripla:

- a) Identificar o elemento com função verbal;
- b) Introduzir certas restrições sintácticas na ordem das palavras;
- c) Matizar, enriquecer ou precisar o semantismo dos verbos do cantonês.

Tem, pois, um papel primordial a desempenhar em todo o sistema verbal, obedecendo ao esquema seguinte:

PVM			PVN
1	temporais	V _{radical}	---
2	aspectuais a)		aspectuais b)
3	modais		---
4	---		resultativos
5	---		direccionais

Vamos examinar agora as PV, na seguinte ordem:

- PVM 1 : temporais (TEM)
Paralelismo com o sistema português
- PVM 2 / PVN 2 = aspectuais (ASP)

A anteposição e a posposição das PV têm a sua tarefa bem partilhada. A anteposição aspectual corresponde, *grosso modo*, ao uso que dela se faz em português, que é aliás restrito, estando o peso semântico em LC do lado da posposição. Por exemplo:

/cho/	acção acabada
/kuo/	acção acabada + experiência vivida
/kan/	progressão
/hoi/	duração
/chu/	continuação
/fan/	inversão
/chan/	encadeamento + experiência vivida desfavorável
/mai/	acompanhamento e/ou adição
/sai/	totalidade
/ha ₁ /	progressão
/ha ₂ /	tentativa, etc.

É preciso lembrar que é muito difícil pormenorizar as diferenciações aspectuais em LC, sobretudo porque pode haver elementos lacunares e sincréticos na enumeração deste género. É de notar que, enquanto facto

gramatical, as PVN perderam a sua identidade lexical própria em favor da concatenação, o que lhes confere um semantismo novo. De independentes tornaram-se gramaticalmente dependentes. Por contraste, funcionam como adverbiais em LP, mas somente como uma espécie de «adverbiais aglutinados» em LC.

— PVM 3 = modais (Mod)

Nada de especial a assinalar, pois que se trata sobretudo de itens lexicais independentes.

— PVN 4 = resultativos (Res)

São, com efeito, verbos ou adjectivos que, sem perder a sua identidade lexical própria, vêm aglutinar-se a um verbo principal para marcar uma construção resultativa; donde,

(V_{radical} + V/adj_{resultativo}) predicado

Os resultativos exprimem semanticamente o desenrolar ou o resultado duma acção e, no plano lexical, contribuem para criar novos verbos bissilábicos. Por exemplo:

/kin/, que marca o sentido da vista, vem associar-se com /tai/ [olhar] para criar /tai kin/, que quer dizer *ver*.

Sempre em função resultativa, pode seguir imediatamente /teng/ [escutar] para significar *ouvir* /teng kin/. Da vista passou à percepção. Qualquer verbo ou adjectivo em LC pode ser colocado em função resultativa, desde que o seu semantismo a isso se preste.

Outros exemplos:

	V _{radical}	V/adj _{resultativo}	sentido _{combinatório}
[03]	[beber] /iam/	[bêbado] /choi/	[ficar bêbado] /iam choi/
[04]	[mergulhar] /cham/	[morrer] /sei/	[afogar(-se)] /cham-sei/
[05]	[abrir] /hoi/	[abrir] /hoi/	[abrir com êxito] /hoi-hoi/

— PVN 5 = os direccionais (Dir)

Tal como a construção resultativa, a construção direccional apresenta--se como:

(V_{radical} + V_{direccional}) predicado

em que V_{dir} é tomado no sentido lato do termo. Trata-se, com efeito, de três subcategorias de verbos:

- a) V_{dir 1} = verbos de movimento (i.e. que descrevem movimento sem nenhuma precisão em relação à direcção a seguir);

Por exemplo: /chao/ partir /mai/ aproximar-se
/fan/ voltar /hoi/ afastar-se

b) $V_{dir.2}$ = verbos direccionais propriamente ditos;

Por exemplo: /seong/ subir /lok/ descer
/iap/ entrar /chot/ sair
/tou/ chegar /kuo/ passar
/hei/ levantar

c) $V_{dir.3}$ = verbos que indicam o sentido da acção em relação à pessoa que fala;

Por exemplo: /lai/ vir /hoi/ ir

Estas três subcategorias de direccionais podem empregar-se isoladamente, como no seguinte esquema:

$V_{radical}$	+	$V_{dir.1}$
		$V_{dir.2}$
		$V_{dir.3}$

Exemplos:

	$V_{radical}$	V_{dir}	sentido combinatório
[06]		[vir] /lai/	[trazer] /lo-lai/
[07]	[tomar] /lo/	[ir] /hoi/	[trazer consigo] /lo-hoi/
[08]		[partir] /chao/	[levar] /lo-chao/

ou combinar-se formalmente na ordem apresentada no esquema a seguir:

$V_{radical}$	+	$V_{dir.1} + V_{dir.2}$
		$V_{dir.1} + V_{dir.3}$
		$V_{dir.2} + V_{dir.3}$
		$V_{dir.1} + V_{dir.2} + V_{dir.3}$

Exemplos:

	V radical	Dir 1	Dir 2	Dir 3	sentido combinatório
[09]	[tomar] /lo/	[voltar] /fan/	[subir] /seong/	[vir] /lai/	[trazer para cima] /lo fan seong lai/
[10]	[correr] /pao/	[voltar] /fan/	[passar] /kuo/	[vir] /lai/	[voltar a correr] (em direcção à pessoa que fala) /pao fan kuo lai/
[11]	[partir] /chao/	[voltar] /fan/	[aproximarse] /mai/	[ir] /hoi/	[voltar] (ao seu lugar) /chao fan mai hoi/

Ao chegar a este ponto da exposição podemos concluir que no sentido restrito do termo, a configuração do sintagma verbal em LC apresenta-se essencialmente como no seguinte esquema:

$$SV \rightarrow V_{\text{radical}} + (\text{ASP/RES/DIR})_{\text{pvn}}$$

em que os elementos à direita contribuem, cada um à sua maneira, para a inserção na frase do V radical. Seríamos tentados a estabelecer uma espécie de paralelismo entre V-infinitivo/V-conjugado em LP e V radical/V com PVN em LC. Contudo, é falso, no sentido em que o verbo conjugado em LP não tem a mesma dimensão que o V com PVN em LC. Aquele, de carácter linear, confina-se ao domínio morfo-sintáctico, enquanto que este, de carácter hierárquico, se situa a um nível mais abstracto: semântico-sintáctico. Existe, com efeito, um parâmetro de incompatibilidade entre os PVN, por um lado, e entre os PVN e o V radical, por outro. O facto de certos PVN poderem combinar-se somente com alguns e de nem todos os verbos em LC aceitarem os PVN indiferentemente, sugere, pois, que tudo o que acaba de ser dito só pode ser muito sistemático. À parte o princípio de selecção, há o de ordenação: a presença eventual dos complementos de objecto (acusativo e/ou dativo) afectará a ordem das palavras na frase. Há certas restrições sintácticas em tudo isto, mas o semantismo tem um papel importante a desempenhar.

À falta do poderoso aparelho morfológico existente em LP para marcar as diversas relações gramaticais, LC recorre sistematicamente à justaposição dos elementos, como processo de selecção e ordenação, e à intuição. Daqui resulta uma enorme diferença em termos de princípios de organização, quer quanto à língua, quer quanto ao pensamento.

1.4 VERBO-OBJECTO

Em LP, assim como em LC, a categoria de transitividade, se existir ou for possível, traduz as relações entre a acção e o seu objecto. Em caso contrário, o verbo diz-se intransitivo. A forma de expressão desta categoria pertence ao domínio da sintaxe, e realiza-se pela presença ou ausência dum complemento nominal ou completivo.

1.4.1 Objecto nominal

Em termos muito gerais, o complemento que segue o verbo representa o objecto ou o resultado da acção expressa por este. Em LP a análise estrutural considera, em geral, quatro subcategorias de verbos ditos transitivos. Em esquema, com tradução:

1.^a subcategoria

Classe 1 V + (acusativo)_{objecto}

[12] ver um filme:[ver] [filme]
/tai/ /hei/

Classe 2 V + (acusativo + dativo)_{objecto}

[13] dar dinheiro ao Estevão:
[dar] [dinheiro] [Estevão]
/pei/ /chin/ /Ai-Si-Tak-Wo/
[dar] [Estevão] [dinheiro]
/pei/ /Ai-Si-Tak-Wo/ /chin/

Classe 3 V + (acusativo + oblíquo-lugar)_{objecto}

[14] convidar amigos ao teatro:
[convidar] [amigos] [olhar] [teatro]
/cheng/ /pang-iao/ /tai/ /hei/

Classe 4 V + (acusativo + oblíquo-equivalência)_{objecto}

[15] eleger João presidente:
[eleger] [João] [fazer-se prdsidente]
/sun/ /leok-Hon/ /chou/ /chu-chek/

2.^a subcategoria

(V + Prep_v) + (Acusativo)_{objecto}

[16] assistir a uma tourada:
[assistir] [uma] [tourada]
/tai/ /iat-cheong/ /pei-mou/

3.^a subcategoria

(V - se)_v + (Acusativo)_{objecto}

[17] lembrar-se da minha morada:
[lembrar] [minha] [morada]
/kei-chu/ /ngo-ke/ /tei-chi/

4.^a subcategoria

V + (oblíquo)_{objecto}

[18] custar mil
[custar] [mil]
/chek/ /iat-chin/ /pou-pai/

Haverá algumas observações a fazer a tudo isso? Contentemo-nos em notar algumas dissemelhanças ao nível de LC, antes de passar à análise dos parágrafos, mais adiante:

- a) Não-emprego dos relacionadores (Rel) (ver [13], [16]);
- b) Emprego «redundante» dos verbos (ver [14], [15]);
- c) Ausência de verbos pronominais (ver [17]);
- d) Paradigma mais alargado, quando se trata dos casos oblíquos que se colocam imediatamente após o verbo.

No que diz respeito ao ponto c), a ausência de verbos pronominais no sistema verbal cantonês é sobretudo um facto lexical, o qual decidi passar adiante. Quanto aos pontos a) e b), serão remetidos para mais tarde. Vamos, então, ao ponto d), para começar. É forçoso verificar que em LP, os verbos que admitem o caso oblíquo sem intervenção de nenhum relacionador são em número muito limitado. Duma maneira geral, eles mantêm-se à parte na classificação. Verificamos, ao contrário, que, em LC, a colocação verbo-objecto oblíquo representa uma parte muito importante das locuções verbais. Tomemos o caso de *desmaiar*, cujo esquema se representa a seguir:

verbo	Rel	Objecto oblíquo	sentido combinatório
		[navio] /sun/	[enjoar] /wan-sun/
[desmaiar] /wan/	∅	[injecção] /cham/	[sentir-se mal por causa duma injecção] /wan-cham/
		[vaga] /long/	[ser fascinado por uma senhora] /wan-long/

São algumas das muitas expressões correntes, que parecem insólitas ao espírito português, tão habituado ao raciocínio rigoroso e lógico em matéria de língua. Os casos «concretos» e os casos «oblíquos» são colocados, pois, no mesmo plano em LC e a distinção entre a transitividade e a intransitividade é um caso a reconsiderar. Anomalia, dir-se-á, mas nem sempre se está inspirado para propor explicações e é necessário, também, ter isso em conta.

1.4.2 Objecto completivo

Em LP, o objecto completivo é geralmente marcado por uma completiva introduzida por *que*, como, por exemplo:

- [22] Ele diz que o café está terminado
 [Ele] [dizer][café] [ser terminado]
 /koi/ /wa/ /ka-fe/ /mou-lak/

[23] O ministro declarou que as eleições terão lugar em Junho

[O ministro] [declarar] [Junho] [ter lugar] [eleições]
/pou-cheong/ /sun-pou/ /lok-ut/ /koi-hang/ /sun-koi/

De notar que o introdutor *que* desaparece na tradução dos exemplos acima citados. Com efeito, a elipse do conector/introdutor faz pensar que o que prevalece na forma de relacionar os constituintes da frase em LC é a justaposição pura e simples. Tratando-se de verbos, são verbos em série.

1.5 VERBOS EM SÉRIE

Consideremos os exemplos seguintes:

[24] Ajuda a Joana *a* terminar o seu trabalho

[Ajudar] [Joana] [terminar] [seu trabalho]
/pong/ /leok-Un-Na/ /chou-un/ /koi-ke kong-chok/

[25] Emprésteme um livro *para* eu ler

[Emprestar] [um livro] [eu] [ler]
/che/ /iat-pun-su/ /ngo/ /tai/

[26] Eles vieram *por* duas semanas

[Eles] [vieram] [duas] [semanas]
/koi-tei/ /lai/ /leong-ko/ /seng-kei/

Estes poucos exemplos vêm corroborar a dupla natureza de LC. Economia e fluidez dos signos linguísticos. A palavra-chave é a justaposição. É uma noção difícil de definir semanticamente, no sentido de que a coordenação e a subordinação já não têm fronteiras, recobrando as mesmas relações lógicas: concomitância, sucessividade, causalidade, consequência, concessão, hipótese, etc. e, no aspecto formal, não há nenhum critério que se aplique de maneira definidora e exclusiva. Na justaposição de elementos, é o ouvinte-receptor que se vê na necessidade de suprir por si próprio o liame lógico formalmente não marcado: a significação assenta nas perífrases verbais, no sentido lexical dos termos, no contexto, na situação, nos hábitos de pensar, etc. É também a justaposição que consagra em LC a proliferação dos verbos por mais redundantes que pareçam. Não se colocam as palavras ao lado umas das outras, mas as ideias que representam as acções correspondentes. Quem diz verbo diz acção: eis um dos princípios psicológicos que regem a organização estrutural de LC.

2. À MANEIRA DE CONCLUSÃO

A língua portuguesa, descendente da família latina, mostra ser uma língua de propriedades hipotácicas: tudo, na frase, se relaciona de maneira hierárquica, coerente, lógica na análise. A subordinação gramatical, marcada por diversos conectivos, está no centro da representação

sintáctica desta língua, enquanto que, o cantonês, com o seu monossilábismo, é uma língua de propriedades paratáxicas: tudo na frase se ordena por justaposição. Se há coerência, é uma coerência «interiorizada». Ao contrário da lógica dos povos latinos, os cantoneses privilegiam a *intuição*.

(Tradução do original francês de Manuel Nóia, ex-assistente do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Difusão da Língua Portuguesa)

